



PRÓLOGO

«Tenho um pressentimento que no vale de Biban-el-Molouk vamos encontrar uma sepultura inviolada», dizia a um jovem inglês, de rosto comprido, um personagem muito mais modesto, enquanto enxugava, com um grande lenço de quadrados azuis, a sua testa calva onde perlavam gotas de suor, como se tivesse sido modelado em argila porosa e estivesse cheio de água como se fosse um cântaro de Tebas.

– Que Osiris o oiça – respondeu o jovem lorde ao doutor alemão: – Esta é uma invocação que nos podemos permitir perante a antiga *Diospolis Magna*; mas já apanhámos umas quantas decepções; mas os violadores de tesouros adiantaram-se-nos sempre.

– Uma sepultura que não terá sido escavada nem pelos reis pastores, nem pelos Medos de Cambyse, nem os Gregos, nem os Romanos, nem os Árabes, e que nos dará as suas riquezas intactas e, também, o seu mistério virgem – continuou o suado sábio com um entusiasmo que fazia brilhar as meninas dos seus olhos atrás dos óculos de lentes azuis.

– E sobre a qual você publicará uma dissertação altamente erudita que o colocará no mundo da ciência lado a lado com os Champoliones, os Rosellinis, os Wilkinson, os Lepsius e os Belzoni¹ – disse o jovem lorde.

– E dedicá-la-ei a si, *milord*, dedicá-la-ei a si; porque se não fosse por si, que me tratou com régia magnificência,

¹ Nota do Tradutor – Egiptólogos de referência do século XIX.



não teria podido corroborar o meu sistema com a vista dos monumentos e teria morrido na minha pequena cidade da Alemanha sem ter contemplado as maravilhas desta antiga terra – respondeu o sábio num tom comovido.

Esta conversa tinha lugar não muito longe do Nilo, à entrada do Vale de Bibal-al-Molouk, entre o lorde Evandale, que ia montado num cavalo árabe, e o doutor Rumphius, mais modestamente empoleirado num asno cuja fraca garupa era acicatada por um *fellah*²; a *cange*³ que tinha trazido os dois viajantes e que durante a sua estadia lhes servia de alojamento estava amarrada no outro lado do Nilo, em frente da vila de Luxor, com os remos de pé e com as grandes velas triangulares enroladas e atadas aos mastros. Depois de terem dedicado uns quantos dias à visita e ao estudo das surpreendentes ruínas de Tebas, fragmentos gigantescos de um mundo desmesurado, tinham passado o rio num *sandal* (embarcação ligeira daquele lugar), dirigiam-se para a árida cordilheira que encerra no seu seio, no fundo de misteriosos hipogeus, os antigos habitantes dos palácios da outra margem. Alguns homens da tripulação acompanhavam à distância lorde Evandale e o doutor Rumphius, enquanto os outros, estendidos na ponte à sombra da cabina, fumavam tranquilamente o seu cachimbo enquanto guardavam a embarcação.

Lorde Evandale era um desses jovens ingleses em tudo irrepreensíveis, como aqueles que a alta vida britânica presenteia à civilização: levava sempre consigo, para todo o lado, a desdenhosa segurança que dão uma grande fortuna herdada, um nome histórico inscrito no livro do *Peerage and Baronetage*⁴, essa segunda Bíblia de Inglaterra, e uma beleza da qual nada se podia dizer a não ser que era demasiado perfeita para um homem. Com efeito,

² N. do T. — Aldeão ou camponês egípcio.

³ N. do T. — Embarcação com vela utilizada para o transporte de passageiros.

⁴ N. do T. — Trata-se do registo da nobreza inglesa. Em inglês no original.



a sua cabeça pura, mas fria, parecia uma cópia de cera da cabeça de Meléagro ou de Antínoo. O rosa dos seus lábios e das suas faces parecia ter sido feito por carmim e maquilhagem e os seus cabelos, de um loiro escuro, exibiam um ondulado natural com uma correcção tal como se tivesse sido feito por um emérito cabeleireiro ou que um hábil ajudante de câmara o tivesse conseguido impor. Contudo, o firme olhar das suas pupilas, de um azul cortante, e o ligeiro movimento de *sneer*⁵ que fazia sobressair o seu lábio inferior corrigiam o que aquele conjunto poderia ter de demasiado efeminado.

Membro do clube dos Yachts⁶, o jovem lorde permitia-se, de vez em quando, o capricho de uma excursão na sua ligeira construção chamada *Puck*⁷, construída em madeira de teca⁸, decorada com um *boudoir*⁹ e conduzida por uma tripulação pouco numerosa, mas constituída por marinheiros escolhidos a dedo. No ano anterior tinha visitado a Islândia; este ano visitava o Egipto e o seu iate esperava-o no porto de Alexandria; tinha trazido consigo um sábio, um médico, um naturalista, um desenhador e um fotógrafo, para que o seu passeio não fosse inútil; os seus êxitos mundanos não o tinham feito esquecer os seus sucessos na Universidade de Cambridge. Andava vestido com aquela rectidão e pulcritude meticulosa característica dos ingleses que percorrem as areias do deserto com a mesma indumentária que usariam para dar um passeio no molhe de Ramsgate ou pelos grandes passeios de

⁵ N. do T. — Desprezo. Em inglês no original.

⁶ N. do T. — Clube Náutico.

⁷ N. do T. — Nome do duende ou espírito do bosque em *O Sonho de Uma Noite de Verão* de William Shakespeare, dado, sem dúvida, ao barco pela sua ligeireza e facilidade de manobra. Por várias vezes, o lorde mostra a sua admiração pelo dramaturgo inglês.

⁸ N. do T. — Árvore do Sudoeste Asiático, madeira muito apreciada pela sua leveza.

⁹ N. do T. — Toucador de senhora. Mantemos o termo original pelo seu valor emblemático.



West-End. Um paletó¹⁰, um colete e umas calças de cotim branco, destinado a rechaçar os raios solares, compunham o seu traje, complementado por uma estreita gravata azul com bolas brancas e um chapéu de Panamá de extrema finura guarnecido por uma cinta de gaze.

Rumphius, o egiptólogo, conserva, inclusive naquele escaldante clima, o tradicional traje preto do sábio, com as suas grandes fraldas pingonas, a sua gola enrolada e os seus botões desfiados, alguns dos quais já tinham perdido o seu forro de seda. As suas calças pretas apresentavam alguns brilhos e deixava ver a trama do tecido; na zona do joelho direito, um observador atento poderia apreciar, sobre o fundo cinzento do tecido, uma marca uniforme feita de traços em tons mais vigorosos, que testemunhava no sábio o costume de secar a pluma, demasiado carregada de tinta, naquela parte da sua vestimenta. A gravata de musselina enrolada em forma de cordão emergia suavemente em volta do pescoço, notável pela forte proeminência dessa cartilagem que as mulheres respeitáveis chamam a maçã-de-adão. Ainda que estivesse vestido com científico desalinho, Rumphius não era, por outro lado, bonito: uns quantos cabelos ruivos, salpicados com alguns grisalhos, constituíam uma massa atrás das suas separadas orelhas e rebelavam-se contra a gola, demasiado alta, da sua vestimenta; o crânio, completamente nu, brilhava como um osso e era como um telhado por cima de um nariz de prodigiosa longitude e de ponta esponjosa e bulbosa, configuração que, juntamente com os discos azulados dos óculos no lugar dos olhos, lhe dava uma remota aparência de íbis, aumentada ainda mais pelo afundamento dos ombros: aspecto, por outro lado, totalmente conveniente e quase providencial para um decifrador de inscrições e quartelas hieroglíficas. Dir-se-ia um deus ibiocéfalo, como os que se vêem nos frescos funerários, confinado num corpo de sábio resultado de alguma transmigração.

¹⁰ N. do T. — O mesmo que labita ou sobretudo.

